

90. Ficou difícil lidar com os parentes indígenas

Dalson dos Santos

Meu nome é Dalson dos Santos, tenho 35 anos, sou da etnia Karipuna, sou graduado pela Universidade Federal do Amapá no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, agora eu estou fazendo a pós-graduação, também pela Universidade Federal do Amapá, no Curso de Estudos Culturais e Políticas Públicas. Vou falar um pouco dessa doença que hoje atingiu o mundo todo e a gente tem um pouco de dó de falar. Nós, como liderança indígena, representando 57 aldeias, a gente fica um pouco triste sobre o que aconteceu, mas estamos aqui para dialogar, conversar, falar um pouco da nossa história.

Enfrentar essa pandemia, para nós, lideranças, foi um pouco difícil, principalmente eu, que fiz uma cirurgia no mês de março, cirurgia da vista, do olho do lado direito. Logo que cheguei ouvi no jornal a situação dessa doença, que muita gente estava morrendo. A gente logo pensou em organizar a nossa comunidade, a gente tem um ramal de 6 Km, da BR-156 até a Aldeia Manga. No início do ramal é o Km-18, lá tem um Centro de Formação, no Km-18 tem uma guarita e um portão que dá acesso a nossa Terra Indígena Uaçá. No Centro de Formação do Km-18 a gente trabalha com o CCPIO, eu sou Vice-Coordenador do CCPIO, que quer dizer Conselho de Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque. Eu também sou coordenador da AIKA, que é a Associação do Povo Indígena Karipuna.

Com essa doença a gente sofreu muito, o impacto foi muito grande dentro da terra indígena, principalmente da minha Aldeia Manga, que fica apenas 24 Km da cidade do Oiapoque. Então, quando o coronavírus chegou na minha comunidade todo mundo ficou desesperado, montamos logo regras rígidas dentro da nossa comunidade, só podia ir uma família para fazer compras nos comércios que tem dentro da aldeia, tudo de máscara... Todo dia a gente ia para o Km-18, eu e o Cacique Gilberto laparrá, junto com o professor Rosinaldo, Josieldo, Eudely, Priscila, nós tínhamos uma equipe para atuar contra o coronavírus.

Da nossa equipe o primeiro que adoeceu fui eu. A gente estava em casa e comecei a sentir uma gripe, uma gripe forte, aquela dor no peito, dor de cabeça, febre, mas eu não desanimei, eu fiquei firme e forte olhando a minha família. Eu moro com os meus avós e eles são idosos, eu fiquei com muito medo porque eu estava todo dia no Km-18, na barreira

sanitária que a gente montou, todos os dias a gente estava lá, recebia as pessoas, com isso a gente estava cada vez mais ficando doente...

A doença chegou assim, meio crítica na nossa comunidade. Eu posso dizer que quando eu peguei essa doença, o coronavírus, eu fiquei muito acabado mesmo, eu senti muita dor na cabeça, no peito, eu senti falta de ar, pensei até que iria morrer. Quando eu ia dormir não conseguia dormir, ficava sentado na cama, rezava para Deus me livrar dessa doença. Eu sentia os sintomas, mas eu não fiz o teste logo, eu tomava remédios, tomava paracetamol e nimesulida para ver se eu melhorava mais... Aí, nisso, foi cada vez agravando em mim a doença, e eu todo dia indo de máscara para o Km-18, começava a tossir perto dos parceiros, mas sempre de máscara, aí foi que eu não aguentei e falei para o Cacique Gilberto:

- Eu não aguento mais, eu vou me retirar do grupo e permanecer em casa que eu estou com muita falta de ar!

Teve um dia que eu cheguei em casa a tarde e falei para a minha esposa que eu não estava aguentando mais a falta de ar, já estava muito forte, que eu precisava ir ao hospital. Aí eu fui, o doutor Rafael me atendeu, junto com a enfermeira Jô. Ele logo me colocou como suspeita de coronavírus, não fiz o teste, eu fui fazer o teste em Macapá. Quando eu cheguei em Macapá eu fiz o teste, e testou a doença já depois de 15 dias que já tinha passado os sintomas, mas aí eu sofri muito, minha família toda pegou. Meu avô e minha avó, graças a Deus, não pegou forte neles e a gente foi se tratando com chá, caferana, alho, limão, mel e tudo que eles ensinavam. A gente se cuidava mas a gente já não sentia nem gosto da comida, nem cheiro, perdi o paladar, perdi o olfato, tudo isso foi acontecendo comigo dentro da minha aldeia, então a gente sofreu muito.

Logo depois o Cacique Gilberto passou ruim também. Eu ficava sempre orientando o meu avô, minha avó, minha esposa, meus filhos, dizendo que essa doença iria passar, que era para tomar nossos remédios. Esses remédios são ruins, muito amargos, mas assim mesmo a gente tomava. Com isso foi tudo melhorando, eu sempre falando para a gente não desistir e se alimentar, porque a doença não queria que a gente se alimentasse, mas se não se alimentar fica cada vez mais fraco. A gente tentava comer o pouco que a gente podia, sem sentir gosto, sem sentir cheiro, era difícil. Meu avô doente, minha avó doente, minha esposa doente, isso foi aumentando a preocupação em casa, o desespero.

No meio disso tudo ficou difícil lidar com os parentes, com os nossos parentes indígenas que não aceitavam e queriam voltar para a cidade. A gente controlava o portão,

regulava os horários, regulava a saída e a entrada, para ninguém sair, mas vinham as críticas em cima da gente, e a gente lá, aguentando, até hoje né, ainda é assim. Agora, graças a Deus, estamos melhor, mas foi difícil, muito difícil para a gente que é liderança ficar lá na frente, e todas as aldeias queriam ir para a cidade. Fizemos vários projetos pelo Iepé, AMIM (Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão) e AIKA, conseguimos várias ajudas de parceiros, da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) também. Assim a gente conseguiu minimizar um pouco a questão da saída do Km-18.

Mas foi ficando difícil, cada vez mais difícil, cada pessoa da nossa equipe foi adoecendo, e a nossa equipe foi diminuindo, até que, no final, ficou só o Eldely e o professor Rosinaldo, vice cacique da Aldeia Manga. Eles ficaram até o final e a gente teve que se afastar, mas sempre orientando nosso povo, nossa comunidade, dizendo que a COVID-19 não é uma doença que se brinca, ela veio para acabar com todo mundo, porque ela não escolhe classe, se é rico, pobre, classe média, classe baixa, índio, preto, branco. Ela veio para destruir mesmo e, graças a Deus, nós, da Aldeia Manga, conseguimos minimizar os efeitos dessa doença.

Foi difícil, para nós lideranças, enfrentar essa COVID-19. Logo nos primeiros casos que surgiram, nossa comunidade ficou preocupada, encaminhamos vários documentos pedindo apoio dos bombeiros, pedindo apoio da Secretária dos Povos Indígenas, que é a professora Ecleimilda, da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), na pessoa do João Vilhena e da Maria Alice, que sempre nós representaram muito bem e conseguiram mandar medicamentos para a gente, mandar fazer uma limpeza geral nos locais públicos da comunidade.

Perdemos três pessoas da nossa comunidade, mas graças a Deus conseguimos minimizar essa doença dentro da nossa comunidade. A gente trabalha com 57 aldeias e não é fácil um cacique chegar em todas. Quando uma pessoa chegava pedindo autorização para sair, para ir na cidade, a gente não autorizava, infelizmente a gente não podia fazer isso. A gente conseguiu aguentar 60 dias sem a doença entrar na aldeia, mas quando entrou, entrou para destruir tudo e foi muito difícil para nós, principalmente essa falta de ar que dava na gente, quando ela me pegava, ela só faltava me sufocar muito, pedia a Deus que me ajudasse para que eu superasse e conduzisse o meu povo para superar essa doença, e eu me cuidei muito, fiquei em repouso mais de 15 dias, fiquei isolado na minha casa, só eu e meus familiares, só saíamos para comprar alguma coisa no comércio.

Na minha aldeia o Cacique implementou uma lei que a gente só poderia sair se fosse de máscara, então foi ruim esse tempo que passamos doentes, março e abril foram tempos difíceis mesmo, mas maio foi ainda mais ruim, a gente sofreu muito, principalmente nós, lideranças, porque tinha a doença e também tinha a pressão dos parentes. Mas nós estávamos com a cabeça fria, erguida, nós não desistimos de proteger o nosso povo. A gente tinha que tomar essa decisão de bloquear a saída para a cidade, era uma forma de defender e proteger o nosso povo da doença.

Graças a Deus deu tudo certo, agradeço os projetos, os apoios, as parcerias para proteger o povo. Nós, lideranças, estamos para isso, para lutar pelo nosso povo, defender no que for possível para a melhoria dos povos indígenas do Oiapoque. Nesse momento estamos tentando organizar a casa, como diz o não indígena, tentando articular as nossas reuniões para ajudar o nosso povo, para a gente melhorar e ter uma boa educação, uma saúde de qualidade. Gostaria de agradecer a todos os caciques que contribuíram com a gente na barreira sanitária do Km-18, ao meu Cacique Joselito gostaria de dizer que ele foi um guerreiro, ficou com a gente até o fim, ele e a família adoeceram e ele se afastou.

Então é isso, deixo aqui meu relato, foi essa situação que nós passamos nesses meses de pandemia e agora estamos tentando organizar. O CCPIO está ali, no Km-18, para o diálogo. Eu e o Cacique Gilberto estamos à disposição para todos que chegarem, continuamos fechados, não permitimos a entrada de ninguém, só os indígenas que vão lá na cidade rapidinho, com aquela regra de chegar e voltar. Eu, como CCPIO, só tenho a agradecer aos caciques que conseguiram controlar na sua aldeia, mesmo com tanta dificuldade, o meu muito obrigado e um grande abraço a todos!

Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, Amapá, Brasil

13 de agosto de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza